

Freguesia de Santa Eulália de Constança

Nesta freguesia o Paço de Soutelo de D. Mafalda.

Freguesia de Carvalhosa

Um Paço de D. Mafalda.

MANUEL DE VASCONCELOS.

Sobre alguns objectos protoistóricos e lusitano-romanos, especialmente de Alpiarça e Silvã

Das idades dos metais e da civilização lusitano-romana poucos documentos tenho reunido no incipiente Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto. Nem a índole da colecção arqueológica que estou organizando, — e que é principalmente de preistória —, nem a insignificância das dotações daquele gabinete, permitem se alargue o âmbito das aquisições e das pesquisas no que respeita a materiais dessas épocas, aliás de tam grande interesse.

À idade do bronze supponho poder attribuir alguns objectos de cerâmica e bronze de Tanchual (Alpiarça), embora com a reserva indicada pelo facto das condições de jazida serem imprecisas, e do reconhecimento *in situ* não ter sido efectuado oportunamente e acompanhado das necessárias precauções e pesquisas.

Esses objectos foram recolhidos há bastantes anos por trabalhadores rurais que plantavam vinha e que os encontraram quasi todos a cerca de 1^m,20 de profundidade. Ofereceu-mos amavelmente, há dois anos, o Sr. Carlos Relvas, proprietário dos terrenos em que se fez a descoberta. São braceletes de bronze e vasos de cerâmica, e parece que tanto uns como outros foram recolhidos em mais do que um ponto do terreno. Infelizmente não me foi possível alcançar outras indicações sobre a disposição dos objectos, natureza e declive do local, existência ou ausência de sepulturas, de vestígios de habitações, etc.

Os braceletes são abertos, de secção quadrangular, e a sua análise foi obsequiosamente feita pelo Sr. Dr. José Pereira Salgado, 1.^o assistente de química da Faculdade. Não diferem consideravelmente, na forma, dalguns exemplares de El Argar, Fuente Alamo, Caldero de Mojacar, e outras estações protolísticas ibéricas¹. São

¹ Enrique y Luis Siret, *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, Barcelona 1890.

muito numerosos, tendo sido alguns deles trocados, com o Museu Etnológico Português, por objectos paleolíticos dos arredores de Lisboa. Com os braceletes me foram remetidos pequenos fragmentos de ossos, decerto ossos longos, que se reduziam facilmente a pó, não havendo despropósito em admitir a hipótese de terem sido restos de incineração. Mas estavam êsses fragmentos dentro dalgum dos vasos, ou enterrados directamente na terra?

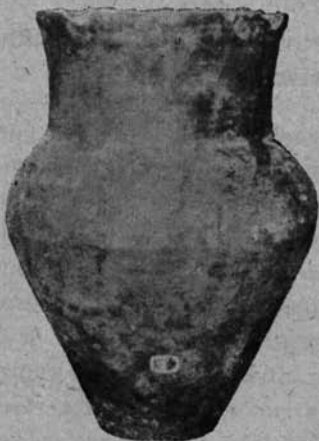


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

A cerâmica acha-se representada por oito vasos, um dos quais reduzido apenas a um fragmento, e dois outros por nós reconstituídos depois mais ou menos completamente. É cerâmica grosseira escura, mal cozida, trabalhada à mão sem a intervenção de roda de oleiro.

O vaso maior (fig. 1) tem de altura 0^m,355, de maior diâmetro 0^m,27, e de diâmetro da boca 0^m,215. É assimétrico, de paredes gros-

sas, sem ornato algum, feito de duas peças ligadas no bôjo. O pescoço, cilíndrico, com a altura aproximada de 0^m,1, evolve num bôjo que a breve trecho se retrai para a base, chata.

Um outro vaso (fig. 2) teve de ser reconstruído sobre fragmentos, porque se quebrou no transporte de Alpiarça para Viseu, onde eu me encontrava e donde o levei para o Pôrto. O diâmetro superior é de 0^m,17, o da base de 0^m,08, e o maior do bôjo 0^m,215. A altura total é de 0^m,24. Não tem ornatos e a cerâmica é bastante escura.

Um vaso (fig. 3), caliciforme, sem ornatos, de altura 0^m,17, diâmetro superior 0^m,231, e diâmetro inferior 0^m,15, compõe-se duma taça assente sobre um pé, cilindro-cónico, ôco. É duma forma semelhante ao vaso caliciforme de Abydos (Egipto) representado por Déchelette, ao lado de vasos de El Argar e do minoano primitivo¹.



Fig. 5



Fig. 6

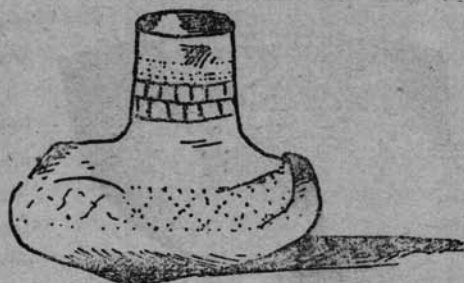


Fig. 7

Os vasos caliciformes de Zapata, Fuente Alamo e El Argar² são geralmente mais esguios e mais estreitados na parte que liga a taça ao pé.

Um pequenino vaso (fig. 4), liso, semi-esferóide, de paredes grossas, sem pé nem colar, com 0^m,07 de diâmetro de bôca e 0^m,06 de altura, é o que se encontra em melhor estado de conservação.

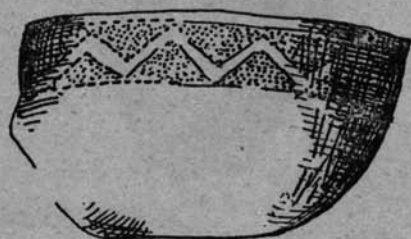
Dois *biberons* (figs. 5 e 6) apresentam formas diferentes, e um dêles é incompleto. Dêste último vêem-se apenas o fundo, um gargalo lateral, quasi horizontal, e parte da parede lateral que parece corresponder a uma bôca larga. O outro tem o fundo globuloso, a bôca larga, um só gargalo lateral, ascendente. Mede 0^m,08 de altura e 0^m,1 de diâmetro da bôca. Não encontrei vasos semelhantes

¹ Déchelette, *Manuel de Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-romaine*, II, 1^o partie (Age du Bronze), Paris 1910, p. 82.

² E. y L. Siret, *op. cit.*

nas estações ibéricas descritas por Siret, nem nas descritas por Estácio da Veiga¹, Leite de Vasconcelos², José Fortes³, etc. Também estes *biberons* se não confundem, na forma, com os seis exemplares da 4.^a idade do bronze da Europa central, representados por Déchelette⁴. Mas devem corresponder ao tipo que o grande arqueólogo francês descreve de fundo globular, larga abertura *evassée* e com um gargalo lateral, e que figura no Museu de Lausanne⁵. O *ascos* ou *guttus*, no género dos descritos por A. de Ridder⁶, não se confunde com o nosso tipo, como também se não confundem com êle os vasos em forma de garrafa, com um bocal mamilar (na expressão árabe *buzzula*, mama), que tem sido encontrados em França e noutros pontos⁷.

Ainda um outro vaso (fig. 7), em parte restaurado, e que apresenta alguns ornatos pontuados no bocal e no bôjo (os primeiros formam quadriláteros em séries sucessivas, os outros formam losan-



F g. 8

gos alternados com losangos lisos), seria também um *biberon* ou um *ascos*? A figura mostra bem que num dos lados do bôjo não é natural que estivesse implantada a *buzzula* ou o bocal lateral. Mas do outro lado, o que resta do vaso não exclui essa hipótese. A boca, cilíndrica, tem

de altura 0^m,037 e de largura 0^m,035, e todo o vaso 0^m,095 de altura e 0^m,07 (?) de maior diâmetro transversal.

O fragmento de louça ornamentada (fig. 8) pertenceria talvez a uma grande tijela, com o diâmetro aproximado de 0^m,31; a ornamentação consiste numa faixa formada por um filete largo em linha

¹ *Antiguidades monumentais do Algarve*, Lisboa 1886-1891.

² «Estudos sobre a época do bronze em Portugal», in *Arch. Port.*, 1906 e 1908, vols. XI e XIII. Também nas *Religiões da Lusitania*, vol. I, 1897, p. 407 sgs., o Sr. Prof. Leite de Vasconcelos estuda a idade do bronze (e do cobre) entre nós.

³ «A sepultura da quinta da Água Branca», in *Portugalia*, t. II, fasc. 2.^o

⁴ *Op. cit.*, p. 388.

⁵ *Album Musée Lausanne*, pl. XXXVIII, figs. 1, 9 e 36 (cit. Déchelette).

⁶ *Les Antiquités Chypriotes* (collection de Clercq), Paris 1908.

⁷ Há dois vasos destes no Museu Etnológico Português (Costa Ferreira, «Sobre uns vasos antigos», in *Arch. Port.*, vol. XIX, p. 1).

quebrada entre dois pontuados, e com os espaços preenchidos por linhas pontuadas feitas a rolete, e no bordo zonas pontuadas alternadas com zonas lisas.

A arqueologia da idade do bronze em Portugal, graças às investigações anteriormente citadas, saiu já da escuridão densa que a envolvia e vai-se revelando de certa riqueza documental, mesmo excluindo-se da época micénica, como pretende Déchelette¹, algumas estações a que Martins Sarmiento atribuiu essa cronologia. Entretanto, como conscienciosamente indica o Sr. Leite de Vasconcelos², ainda é cedo para se sistematizarem e seriarem numa classificação rigorosa as aquisições feitas.

Os restos descobertos em Tanchoyal (Alpiarça) seriam de sepulturas isoladas, duma necrópole, ou duma povoação? A presença de ossos, o estado de conservação de grande parte da cerâmica, a própria natureza dalguns recipientes não bastam, porém, para se preferir as primeiras hipóteses. Infelizmente faltaram as investigações *in situ*. Mas por serem de bronze todos os objectos metálicos achados, pela presença dum vaso caliciforme e dos *biberons*, pela imperfeição e aspecto grosseiro da cerâmica, é natural inclinarmos a crer que se trate de restos do último período da idade do bronze. É claro que nenhuma das razões expostas é categórica e concludente por si só. Mas o seu conjunto tem alguma importância. O que parece certo é tratar-se de objectos pre-romanos.

A cerca de 1 kilómetro do local em que se encontraram os objectos acima descritos, visitei um *oppidum* de contornos perfeitamente aparentes, a que pessoas das circumvizinhanças chamam o «castelo» e em cujas proximidades se tem descoberto ânforas, moedas romanas, etc.

Outros documentos das idades dos metais e da civilização lusitano-romana recolhi no Museu em início: consistem principalmente em fragmentos de cerâmica, *molae manuariae*, *pondera* de barro e de pedra, etc., e provêm da estação pre-romana de Sabroso, e das civilidades e castros de Guifões (Bouças), Bagunte (Póvoa do Varzim), Citânia de Briteiros, Monte Córdova (Santo Tirso), Monte dos Mouros (Perre, Viana do Minho), Vermoim (Famalicão), e Santa Luzia (Viana do Minho) e de uma estação arqueológica de Silvã (Sátão) da qual julgo dar a primeira notícia.

¹ *Op. cit.*, p. 79.

² «Estudos sobre a época do bronze, etc.», *op. cit.*

A cerâmica de Guifões, a melhor representada, exhibe exemplares: de louça arretina, com alguns fragmentos ornamentados; de louça negra fumegada, de excelente fabrico; de louças pintadas de vermelho, lisas; de cerâmica de barro claro, de cozedura perfeita; de louça negra, de pasta mal cuidada; e de cerâmica grosseira de barros diversamente coloridos. Compreende bordos, fundos, asas, bojos, al-



Fig. 9

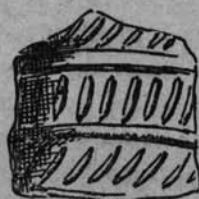


Fig. 10

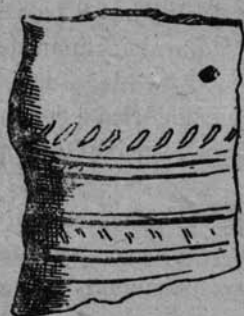


Fig. 10-A

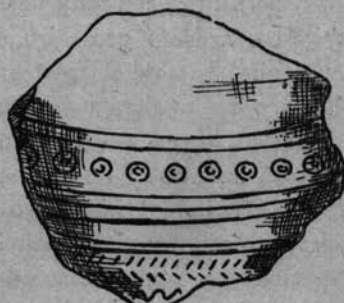


Fig. 11

guns duma grande espessura como de ânforas ou de *dolia*. Aparecem também fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, *lateres*, e um pequeno *pondus*, perfurado, de tear. Todos estes objectos, como 5 *molae manuariae*, uma das quais subquadrangular, provêm de explorações feitas em Guifões¹ por conta da Faculdade.

Da Citânia de Briteiros, Bagunte e Santa Luzia, há apenas a mencionar alguns fragmentos de vasos ornamentados, com decoração incisa nas pastas, e sulcos circundantes (respectivamente figs. 9, 10, 10-A e 11).

¹ Sobre este castro escreveram Martins Sarmento, Leite de Vasconcelos e outros algumas notas no *Archeologo Português* e na *Portugalia* (vid. por exemplo *Arch. Port.*, 1901, p. 30, e 1898, p. 270).

A estação da Silvã (Sátão), cuja existência me foi acusada pelo Sr. tenente-coronel Francisco Cardoso Borges, forneceu fragmentos de *tegulae*, *imbrices* e *lateres* e dois pesos, um de barro, tipo vulgar, com duas perfurações e um ornato na cabeça, consistindo em traços cruzados em forma de estrela, e outro (fig. 12), enorme, de pedra, prismático, apresentando uma larga perfuração, perto da cabeça e numa das faces um ornato (vid. figura). Tem de altura 0^m,235, largura 0^m,17 e espessura na base 0^m,085, pesando 5^{kg},235.



Fig. 12

Além desses documentos, o Sr. F. C. Borges pôs últimamente à minha disposição uma pedra de ara e alguns capitéis, que com várias moedas de imperadores romanos (entre eles Maximiliano), já cedidas há tempos a colecionadores, foram encontrados na mesma estação. Esta foi visitada pelo Sr. Dr. Aarão de Lacerda, que dela dará próximamente uma notícia mais explícita.

A exploração metódica do terreno seria talvez proveitosa. É de notar que a tradição —segundo creio— indicava neste local a existência duma povoação muito antiga.

Pôrto, Setembro de 1916.

ANTÓNIO AUGUSTO MENDES CORREIA.

Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes¹

(Planche I)

Il est impossible de faire en Portugal une étude bien rigoureuse de l'âge du bronze. Bien que les objets de cette époque soient nombreux, ils ne peuvent donner que de faibles renseignements aux archéologues parce qu'on les a trouvés épars.

¹ Reproduit du *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, t. VII, Lisbonne, avec autorisation de la direction.